



## **A ACTA SEMIOTICA ET LINGVISTICA entrevista a Profa Dra Karylleila dos Santos Andrade da Universidade Federal do Tocantins (UFT), pesquisadora da área dos estudos do léxico e ensino e etnolinguística.**

**ASEL:** Profa.. Karylleila Andrade, gostaríamos que nos fizesse uma breve apresentação de sua experiência de vida acadêmica.

**Karylleila Andrade.** Iniciei minha graduação quando ainda morava no antigo norte de Goiás, região “esquecida” do estado de Goiás. Em 1988, ingressei no curso de Letras, na antiga Faculdade de Filosofia do Norte Goiano (Fafing), localizada a 120km de distância da cidade em que residia, Paraíso do Tocantins. Conclui o curso em 1992, com o diploma registrado pela Universidade do Tocantins (Unitins), já que, em 5 de outubro de 1988, foi criado o Estado do Tocantins, que era uma luta política antiga. Em 1997, com o auxílio da Profa. Dra. Sueli Maria de Souza, em fase de conclusão do Doutorado, e sob a orientação do Prof. Erasmo D’Almeida Magalhães, da Universidade de São Paulo (USP), consegui adentrar no mundo da comunidade “uspiniana”. Do recente Tocantins para São Paulo, tudo era grandioso: os prédios e os professores. A minha admiração era pela biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, a conhecida FFLCH, que apresentava para mim um mundo novo, onde fiz meus primeiros contatos diretos com a Linguística e, mais particularmente, com as ciências do léxico. A minha graduação foi muito fraca, sem grandes leituras e sem a oportunidade de ter professores com formação de Mestrado nem de Doutorado. Todos tinham apenas o título de Especialização na área de Letras.

Era um esforço diário, de leituras e (re)escritas, mas que foi necessário para que eu concluísse o Mestrado, em 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Waldemar Ferreira Neto, com o título *Empréstimos linguísticos na língua Karajá*. Quando finalizei essa etapa, tive o prazer de conversar com a Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que me incentivou a fazer o Doutorado na área da Toponímia. Recordo que o nosso encontro



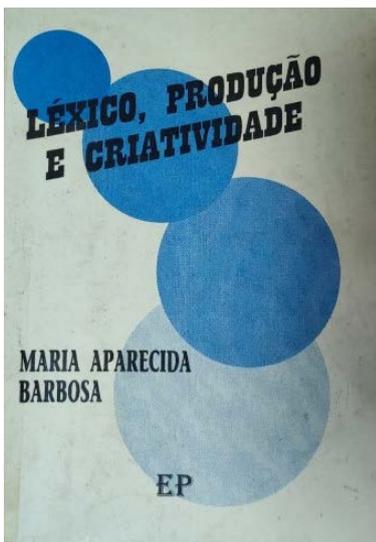
ocorreu no Prédio da Diretoria e da Administração da FFLCH, com uma longa e calorosa conversa. Ela sempre foi muito atenciosa e dedicada aos seus orientandos. Em 2006, conclui o Doutorado com a tese: *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins*. Ainda sobre minha vida profissional, fui iniciada na educação pelos meus pais, ambos professores, em abril de 1990, em uma escola municipal. Depois fiz concurso público para o Estado e continuei até 1998, quando pedi exoneração. Nesse mesmo ano, comecei a dar aula na Universidade do Tocantins, Unitins. Trabalhei também no Centro Universitário Luterano de Palmas. Em 2003, fiz concurso para a vaga de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Tocantins, onde estou até hoje. São 30 anos de dedicação ao Magistério.

**ASEL:** Como é ser professora de uma Federal e morar na região Norte?

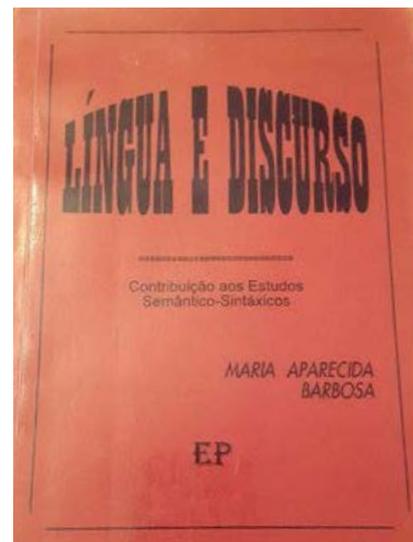
**Karylleila Andrade.** Imaginei que, com a criação de uma universidade pública federal, tudo iria mudar. E mudou muito: houve mais acesso à educação pública com a democratização do Ensino Superior. Entretanto, vivemos tempos difíceis. Tudo está se tornando mais complicado nesses últimos anos, após o contingenciamento severo no orçamento. A palavra de ordem do governo federal para as Instituições de Ensino superior IES, desde 2018, é a falta de recurso para investimento na infraestrutura e para a contratação de docentes e técnicos-administrativos. Concomitante, temos enfrentado um alto índice de evasão, provavelmente, advindo da falta de recurso para promover a permanência de estudantes, sobretudo, aqueles mais vulneráveis na universidade. Também há a ausência de investimentos em pesquisas, principalmente, nas Ciências Humanas, área considerada como não prioritária, conforme Portaria nº 1.122, de 19 de março de 2020, que define as prioridades no âmbito do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), no que se refere a projetos de pesquisa, de desenvolvimento de tecnologias e inovações, para o período 2020 a 2023. Todos os objetivos das tais prioridades parecem arrefecer a falta de expectativas diante do pensar, do fazer e do produzir pesquisa no Brasil. E ainda temos as bolsas de estudo que estão minguando a cada ano. Quanto ao Norte, tudo se torna mais complexo, pois há poucos editais lançados pelo governo federal, como incentivo à pesquisa no Brasil, identificamos uma rasteira aos pesquisadores da região. Uma delas é a exigência por uma produção igualitária a das regiões Sul e Sudeste, o que nos deixa em desvantagem devido à nossa localização, com falta de acesso e à nossa situação econômica. E assim tem sido a nossa caminhada de luta e de sobrevivência por fazer pesquisa no Norte do país.

**ASEL:** Como a Senhora iniciou seus estudos na área do léxico?

**Karylleila :** Foi durante o Mestrado que conheci a Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa (*in memoriam*) e a Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, por quem tenho um enorme carinho e minha eterna gratidão, pois foram profissionais



influentes para minha formação. Meus primeiros contatos com os estudos do léxico ocorreram durante a disciplina de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, ministrada pela Profa. Maria Aparecida Barbosa, em 1998. Foi uma experiência inesquecível. Lembro do quanto eu admirava aquela professora elegante, segura, com a voz doce e macia. Seus passos firmes pelo corredor do prédio da FFCLH me



faziam estremecer. Uma vez tive a oportunidade de me encontrar com ela em sua sala de atendimento. Conte-lhe um pouco da minha história e das minhas dificuldades. Atentamente, ela me ouviu e me presenteou com dois livros: *Léxico, Produção e Criatividade: processos do neologismo* e *Língua e Discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos*, além de um exemplar impresso da *Acta Semiótica et Linguística*, o que foi meu primeiro contato com essa Revista. Essa disciplina despertou meu interesse pela área: os enigmas do processo de produção de (novas) palavras, os sentidos atribuídos, o percurso gerativo do definir e do conceituar. Tudo era motivo para eu me aprofundar nos estudos das ciências do léxico. Depois, aconteceu o contato mais próximo com a Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, quem me fez apaixonar pelos estudos Onomásticos, até então desconhecidos para mim. Comecei pelos topônimos dos municípios do Tocantins que, antes da criação do Estado, tinham uma composição e, após sua divisão, passaram a ter outra, como: Miracema do Norte e Paraíso do Norte, respectivamente, Paraíso do Tocantins e Miracema do Tocantins. Antes de conhecer a Toponímia, essa mudança era apenas casual pelo fato de ter ocorrido a divisão do Estado, mas depois, o meu interesse foi sendo ampliado para outros horizontes: motivação de poder político, geo-histórico e sociocultural.



Cerimônia de posse<sup>1</sup> da Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, no dia 27 de agosto de 2008, como sócia correspondente da Academia Brasileira de Filologia, ao lado do Prof. José Pereira da Silva (*in memoriam*), do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

**ASEL:** Como aconteceu o seu contato com a Libras?

**Karylleila Andrade.** A cada vez que participo de um trabalho voltado à língua de sinais, tenho a certeza de que me humanizei quando adentrei à cultura e à identidade surda. A UFT, desde 2017, tem uma Resolução que dispõe sobre a Política de Ações Afirmativas para pretos, pardos, indígenas, quilombolas e/ou pessoas com deficiência na Pós-Graduação *stricto sensu*. O Programa de Pós-Graduação em Letras PPGLetras, campus de Porto Nacional, é precursor na abertura de vagas para candidatos surdos. No processo de seleção de 2017, abri duas vagas que foram preenchidas por Roselba Gomes de Miranda e Cristiano Pimentel Cruz. A dissertação do Cristiano, intitulada *Gírias na língua de sinais brasileira: processos de criação e contextos de uso*, teve como objetivo conhecer o processo de criação e uso de gírias em um grupo de surdos. A pesquisa da Roselba Gomes de Miranda, intitulada *Toponímia em libras: descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins* trata de uma descrição e análise dos aspectos estruturais e motivacionais dos sinais topônimos das cidades do Tocantins. Ambos os estudos tiveram como motivação a necessidade de conhecer mais sobre a relação entre língua de sinais, culturas surdas e sociedade. Tenho de agradecer a oportunidade de conviver com o Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, co-orientador dos dois trabalhos e que tem experiência nos estudos do léxico em Libras, o que facilitou a interação entre mim e os orientandos, já que não domino a comunicação na língua de sinais, embora seja um dos meus sonhos. Preciso

1 XII CIFEFIL, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/>. Acesso em: 4 jan. 2021.

agradecer, ainda, ao Prof. Carlos Ludwig, Coordenador do PPGLetras, pela oportunidade de orientar os alunos e, mais do que isso, de aprender a respeitar a cultura e a identidade surda. E, por fim, quero agradecer ao Prof. Alexandre Melo de Sousa, da Universidade Federal do Acre (UFAC), que é, sem dúvida, o maior e mais respeitado pesquisador em Toponímia em Libras no Brasil. Como trabalho de destaque, o Prof. Alexandre, em parceria com a Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros, vem construindo o Web software toponímia em libras, com acesso livre para todos os usuários, surdos e ouvintes de todo o país.

**ASEL:** Quais são os projetos que a Senhora vem desenvolvendo?

**Karylleila Andrade:** Os trabalhos de pesquisas que venho desenvolvendo, desde 2017, em parceria com estudantes da graduação e pós-graduação, estão vinculados ao macro-projeto *Atlas Toponímico do Tocantins (ATT)*. Como parte do Atlas, estão concluídos o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins (ATITO), com um banco de dados de 1350 ocorrências e trabalhos sobre a Toponímia tocantinense no contexto da Belém-Brasília BR 153, e sobre os rios Araguaia e Tocantins e seus afluentes. Outro projeto que considero importante é a *Toponímia e ensino: propostas pedagógicas*, cuja ideia está em consonância com a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Ensino de Língua e Literatura PPGL, campus de Araguaína e do Programa de Pós-Graduação em Letras, PPGLetras, campus de Porto Nacional. O objetivo desse projeto é proporcionar uma discussão sobre como informações de cunho socio-históricas, geográficas, antropológicas e etimológicas (origem) a respeito de elementos urbanos e físicos do Estado do Tocantins podem fomentar e ampliar, do ponto de vista do currículo escolar, o leque de conhecimentos de determinados conteúdos de Língua Portuguesa, Geografia e História da Educação Básica. Como proposta de projeto de extensão, estamos também desenvolvendo materiais didático-pedagógicos e midiáticos na comunidade Riozinho, povo Xerente-Akwen. Esse projeto de extensão, intitulado *Interculturalidade, identidade e memória: desafios socio-culturais, midiáticos e educacionais na comunidade Riozinho, povo Xerente, no Estado do Tocantins*, tem como objetivo principal promover ações para a formação de professores indígenas que atuam na escola Wakōmeka.

**ASEL.**Quais são as suas principais publicações?

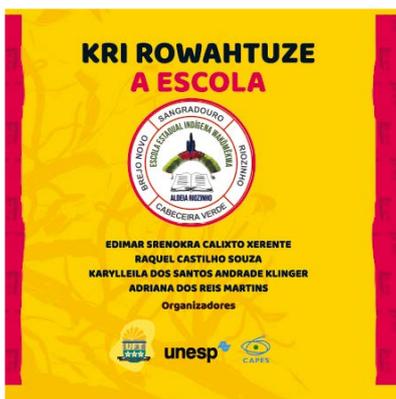
**Karylleila Andrade:** Meus escritos são, em sua grande maioria, voltados aos estudos do léxico e ensino. Comecei a me dedicar a essa área quando entrei para o Programa de Pós-graduação em Letras PPGL, Mestrado e Doutorado em Língua e Literatura, o primeiro da região Norte. A área de concentração, *Ensino e Formação de Professores de Línguas e de Literatura* e Linha de Pesquisa, *Linguagem, educação e diversidade cultural*, me exigiram uma mudança de postura enquanto pesquisadora. Antes eu me

dedicava apenas na produção do Atlas Toponímico do Tocantins, como pesquisa básica, sem dar muita importância ao impacto social na educação. Como eu já tinha concluído o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins ATITO, passei a estudar a Toponímia da bacia dos rios Araguaia e Tocantins, como também da BR 153, o trecho da Belém-Brasília que percorre o estado. Mas, depois de entrar no PPGL, comecei a me dedicar aos estudos de fenômenos culturais e linguísticos em diferentes contextos socioculturais (populações tradicionais do Tocantins), envolvendo relações interétnicas e educação bilíngue e intercultural, a partir do diálogo com a antropologia cultural e a área do léxico. Meu contato com as comunidades indígenas é desde o meu mestrado, no ano de 1999. O contato com o povo Xerente se deu quando orientei um aluno indígena na graduação, Edimar Srênōkrã Calixto Xerente, do curso de Teatro, onde ministrou as disciplinas de Leitura e Produção de Textos Científicos e Antropologia Cultural. O trabalho de conclusão de curso teve como temática a *Educação Intercultural na Escola Wakōmekwa: perspectivas e Desafios*.



A defesa ocorreu na escola Wakōmekwa, comunidade Riozinho

A partir daí, orientei uma tese de doutorado intitulada A educação escolar indígena intercultural e o ensino das artes: um olhar sobre as práticas da escola Wakōmēkwa na comunidade riozinho Kakumhu – povo xerente – Tocantins, da professora Raquel Castilho Souza. Como resultado desse trabalho, publicamos em parceria com os professores da escola indígena, duas cartilhas. O estudo toponímico, claro, esteve presente neste trabalho: as motivações para os nomes da comunidade e da escola.



Os dois livros foram produzidos por professores indígenas da escola Wakômêkwa na comunidade riozinho Kakumhu – povo xerente – Tocantins, da professora Raquel Castilho Souza.

Também tenho me dedicado a promover uma discussão da Toponímia com outras áreas do conhecimento e a educação: Toponímia e Geografia Cultural no contexto da teoria da interdisciplinaridade. Além disso, o grupo de orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado participam da construção do banco de dados <http://sistop.iacuft.org.br/>. Todas as pesquisas e seus produtos devem alimentar o banco de dados.

Existem, ainda, outros produtos ( livros, capítulos e artigos, alguns publicados em revistas estrangeiras cujas referências interessado pode procurar no Lattes, como SOUZA, R. C.; ANDRADE, Karylleila S. A Escola Indígena Wakôm kwa e seus processos de ensino e aprendizagem na perspectiva da Interculturalidade: um relato de experiência. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 5, p. 1-11, 2019. e BASTIANI, C.; ANDRADE, Karylleila S. Viajantes naturalistas do século XIX na região da Província de Goiás: levantamento de topônimos indígenas. *A Cor das Letras*, v. 20, p. 55-65, 2019 etc.



Página inicial do <http://sistop.iacuft.org.br/>